

## Cotas na universidade pública: De que lado você samba?

por Ana Lucia C. Heckert<sup>1</sup>

Estas reflexões foram elaboradas por ocasião de um debate acerca das cotas nas universidades públicas promovido pelo Projeto Conexões de Saberes, desenvolvido pela SECAD/MEC e vinculado à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)<sup>2</sup>. A provocação que deveria nortear as reflexões dos professores convidados para o debate em 2007 era: as cotas para as minorias, de que lado você samba?

Este debate foi organizado no momento em que as discussões acerca do regime de cotas se intensificaram na UFES e sua regulamentação seria definida pelos conselhos superiores desta UFES. Como na maioria das universidades públicas brasileiras, a instituição do regime de cotas se efetua em meio a várias polêmicas e debates acirrados. O que se pode perceber é que a oposição ao estabelecimento do regime de cotas reúne parte dos professores e estudantes universitários, alunos e professores das escolas de ensino médio da rede privada, e até mesmo alunos e professores de escolas de ensino médio da rede pública.

Dentre os argumentos contrários à criação do regime de cotas situam-se, dentre outros: a) o risco de queda na qualidade do ensino público de 3º grau; b) as precárias con-

dições dos egressos do sistema público de ensino de permanecerem na universidade e dedicarem-se aos estudos; 3) as cotas estimulariam a discriminação daqueles alunos do sistema público de ensino; 4) as cotas reforçariam o preconceito racial; 5) as cotas ferem o direito universal ao ensino superior; 6) as cotas representam um caminho 'fácil' de acesso à universidade; 7) cotas raciais estimulariam o conflito e a intolerância entre negros e brancos; 8) o acesso à universidade pública e o combate à exclusão social deveria se efetuar pelo investimento em políticas públicas e na melhoria da qualidade do ensino público; 9) no Brasil não há racismo institucionalizado que justifique a adoção de cotas raciais.

Na UFES a adoção do sistema de cotas se deu em meio a polarizações na comunidade universitária e a várias manifestações de alunos das escolas privadas. Neste processo, não foram instituídas cotas raciais, e sim a adoção do regime de cotas que previa reserva de 40% das vagas aos egressos das escolas públicas; ainda que menos de 3% dos alunos desta universidade em 2006 eram negros. A implantação da reserva de vagas iniciou em 2008 e se efetua de forma gradativa, ou seja, está previsto o aumento deste percentual.

No início deste ano de 2009, alguns alunos egressos do sistema privado de ensino no Espírito Santo impetraram ação judicial argumentando inconstitucionalidade do regime de cotas, o resultado foi obtenção de liminar autorizando suas matrículas nesta universidade.

Este cenário nos indica que mesmo após a adoção do sistema de reserva de vagas para egressos das escolas públicas, a oposição a tal processo se mantém. O resultado do vestibular divulgado em fevereiro de 2009 re-atualizou o debate acerca da reserva de vagas. Em função de tais questões, consideramos que as reflexões elaboradas em 2007 permanecem ecoando e, por isso, a convite do ALEPH, decidi por compartilhá-las com os leitores desta Revista.

### ***Em quais lados sambamos?***

De início diria: do lado dos processos de autonomia, das práticas de liberdade, da invenção de modos de existência que afirmam a vida. Mas isso pode parecer vago. Então farei um esforço para tentar definir mais claramente a provocação feita.

Antes de abordar o tema específico Cotas para minorias fui ao dicionário ver possíveis sentidos da palavra cota. Ainda que não seja lingüista, os

psicólogos também têm uma predileção grande por palavras, pelos sentidos. O dicionário me deu algumas direções. Cota pode ter significado, em sua origem franco, de manto, vestuário; vestimenta que os antigos usavam sobre a armadura. Já a proveniência latina indica que cota pode ter significados de quinhão; prestação; determinada porção; quantia com que cada indivíduo de um grupo concorre para um fim determinado; marca, sinal numérico ou alfabético que serve para classificar ou identificar um processo, arquivo ou livro, etc.; parte oposta ao gume de um instrumento cortante; valor que exprime, numa unidade de comprimento, a diferença de nível entre um ponto e outro tomado como referência; qualquer medida atribuída a um desenho técnico.

Entre a vestimenta colocada sobre uma armadura e a idéia de medida, ou seja, porção, quinhão, e uma música de origem africana (o samba), está em discussão o modo de distribuição da riqueza socialmente produzida, os direitos sociais em um país marcado por desigualdades e preconceitos étnicos. O debate sobre cotas se faz em meio a alguns argumentos: o problema é a qualidade da escola pública no Brasil e não exatamente uma questão racial (de negros ou indígenas), o problema são as desigualdades sociais, ou seja, a diferença de poder

aquisitivo entre os diferentes grupos sociais no Brasil. Frente a estes argumentos o que se coloca como saída é: aguardar a mudança de qualidade do ensino ofertado nas escolas públicas, aguardar a melhoria na distribuição de renda. Ou seja, tais argumentos produzem ou reativam um discurso circular que nos deixaria em compasso de espera. Um outro argumento renitente é: as cotas devem ser para as escolas públicas e não para grupos sociais A ou B. Bem, aqui estamos frente a outros problemas bem complicados. É possível homogeneizar ou entender que há uma unidade chamada escola pública? Todas as escolas públicas são iguais? E, tão importante quanto isso: não estaríamos definindo então que a escola pública tem um ensino de péssima qualidade em comparação com o ensino privado. O que é uma boa escola? O treinamento de habilidades e competências para ser bem sucedido em um processo seletivo? O que é educar?

Se partirmos do pressuposto que estabelecendo cotas para a escola pública resolvemos o problema, temos uma outra questão a enfrentar: quem são as crianças que supostamente fracassam na escola? Pesquisadores (Carvalho, 2004) do campo educacional têm investigado este processo indicando que a maioria das crianças que fracassa na escola são as crianças negras. Mas é bom ter cuidado com isso

porque é preciso entender como este fracasso é produzido. Portanto, é importante discutir como esse fracasso das crianças negras é produzido e porque são elas que fracassam. Nas teorias psicológicas e pedagógicas o mito da degenerescência da raça persistiu por séculos e ainda hoje se faz presente; hoje com novas roupagens. Por exemplo, se faz presente na posição que entende que as cotas para negros e indígenas interferirá negativamente na qualidade do ensino universitário.

Mas, problematizar o mundo em que vivemos é a nossa tarefa como professores. Então cabem algumas indagações: quantos negros temos nos cursos de psicologia, medicina, direito, odontologia, engenharia, arquitetura? Onde estão nossos alunos negros e indígenas? Onde estão nossos alunos egressos das escolas públicas situadas em regiões de intensa pobreza? Os indígenas, apesar de querer tratar aqui também de uma outra questão que é da ordem das questões identitárias, mas que falarei depois, se estão em algum lugar eu não os conheço. Como boa parte dos negros está escolhendo seus cursos? Será que não estariam escolhendo pela pontuação/disputa candidato vaga, por saberem de antemão onde será possível para eles? Porque será que boa parte dos negros está nas carreiras consideradas menos prestigiadas pela sociedade? O

que são carreiras prestigiadas e carreiras desprestigiadas?

A discussão das cotas para mim tem a potência de se tornar um analisador, ou seja, pode colocar em análise o preconceito racial, camuflado e existente no Brasil. Coloca em cena o racismo naquilo que ele produz de polarizações e segmentações. A máquina racismo coloca uns em um pólo e outros em outro pólo. Aqui está uma questão a ser seriamente discutida. Nos negamos negros, fazemos escovas progressivas, orgulhamos de nossos sobrenomes europeus, orientais, etc. Mas, fazemos de conta de que este racismo não se coloca em nosso cotidiano.

Ao mesmo tempo, as cotas hoje insinuam-se como um movimento instituinte com potência de afirmar outros movimentos nas universidades públicas, bem como alterar o quadro instituído de acesso ao ensino público superior.

Outro argumento a ser discutido diz respeito ao fato de que as cotas acentuariam o racismo e a polaridade entre pretos e brancos. Ainda que o racismo, como forma de exercício do poder não seja um privilégio dos brancos contra os negros, ainda que eu considere que marcar polaridades não contribui, o que queremos disfarçar quando pensamos assim? Aqui há de fato um risco nas cotas, afirmar uma perspectiva identitária no lugar de afirmar a

alteridade. Eu desejo as cotas sim, porque acredito que o nômade compromete a idéia de horizonte do camponês (Brodsky). Entendendo aqui que este lugar de nômade e de camponês devam ser habitados por uns e outros e não por uns ou outros. Uma perspectiva identitária é aquela em que o outro não produz estranhamento, não desestabiliza um modo de viver e enxerga uma pureza branca ou uma pureza negra, ou uma pureza indígena onde deveríamos afirmar o lugar mestiço; o que é bem diferente da suposta mestiçagem usada para negar nosso racismo. Como disse Caetano e Gil, "Quando você for convidado pra subir no adro da fundação casa de Jorge Amado para ver do alto a fila de soldados, quase todos pretos dando porrada na nuca de malandros pretos, de ladrões mulatos, e outros quase brancos tratados como pretos, só para mostrar aos outros quase pretos (E são quase todos pretos) E aos quase brancos pobres como pretos Como é que pretos, pobres e mulatos e quase brancos quase pretos de tão pobres são tratados. [...] Ninguém é cidadão". Mas, se ninguém é cidadão, continuamos como estamos? E se conseguirmos dizer: somos todos pretos, somos todos índios? Afirmer isso pode significar deixar as coisas como estão, mas pode significar também: se sou negra, índia, parda, isso tem a ver comigo!

Não dá para negar que

"todo camburão tem um pouco de navio negreiro" (O Rappa), tendo em vista os dados acerca da população carcerária no Brasil. Onde estão nossos meninos e meninas negros e negras, índios e índias? O racismo com negros e índios permitiu a produção de uma iniquidade que precisamos enfrentar. Frente às desigualdades e à iniquidade não se trata de defender políticas igualitárias, mas políticas diferenciadas sim!

Contudo, há outras questões a serem discutidas. Que integração é essa que estamos defendendo? Não basta defender as cotas, ainda que este seja um primeiro e importante passo. É preciso discutir os modos de funcionamento das práticas de formação na universidade. É preciso aproveitar esse quente debate para discutir as políticas públicas de educação no país e no estado do Espírito Santo, especificamente. Aqui parece que somos quase todos pomeranos, italianos, alemães, portugueses, mas não somos quase todos indígenas, negros. Porque o Espírito Santo silencia sua história negra e indígena e se orgulha de sua história européia? Porque a memória das lutas de negros e índios na constituição da história capixaba é intensivamente negada nas políticas educacionais estaduais e de boa parte dos municípios deste estado?

### ***De que lado eu sambo?***

Será que o samba tem lado? Será que perfilar-se em lados polarizados nos ajuda a enfrentar a iniquidade no acesso ao ensino superior brasileiro?

Os colegas que vivem a experiência das cotas em outras universidades brasileiras me dizem que os alunos cotistas trouxeram outras questões para o cotidiano das salas de aula: são usuários do SUS cursando medicina, psicologia, odontologia, são moradores de periferia cursando arquitetura, trazendo questões que comprometem nossa idéia de horizonte. Contudo, precisamos discutir se as cotas, de fato, mudarão a cara da universidade, ou serão re-apropriadas para um tipo de mudança que deixa tudo como está, como nos alertou Florestan Fernandes. Pesquisas de Marília Carvalho vêm mostrando que a maioria das crianças com bom desempenho escolar é constituída de crianças vistas e percebidas como brancas pelos professores, ainda que estas não sejam brancas. Ou seja, a variável raça tem interferido no desempenho escolar das crianças e, especialmente, de meninos negros.

Portanto, por tudo isso, sambo ao lado (nas margens) das políticas de enfrentamento de iniquidade, mas não sambo ao lado das práticas identitárias, daquelas práticas

que fazem reverberar mais segmentação, mais polaridade. Porque somos todos mulçumanos, todos negros e índios - ou seja, boa parte da população colocada no lugar de sobreviventes - é que precisamos de políticas provisórias para dizer aos negros e índios que eles não são quase brancos, mas que sua negritude ressoa em mim naquilo que ela faz da minha existência algo mais plural, mais vibrante ■

#### **NOTAS:**

1 Prof<sup>a</sup> do Departamento de Psicologia/UFES e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional/UFES.

2 O Projeto Conexões de Saberes visa criar condições que permitam a permanência de estudantes universitários de origem popular nos cursos aos quais estão vinculados. NA UFES o projeto iniciou em 2005 abrangendo bolsistas oriundos de diversos cursos de graduação.

#### **REFERÊNCIAS:**

CARVALHO, M. Quem são os meninos que fracassam na escola? Cadernos de Pesquisa. V. 32, n. 121, pp. 11-40. São Paulo. Jan-abr. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Capturado em 28 de maio de 2005.